

PREVENÇÃO E CONTROLO DE INFEÇÃO – UMA PRÁTICA DE ENFERMAGEM AVANÇADA

Autores: Ana Alves, Unidade de Cuidados Intensivos Polivalente do Hospital Central do Funchal; Isabel Rabiais, Universidade Católica Portuguesa; Sérgio Deodato, Universidade Católica Portuguesa; Célia Cardoso, Serviço de Urgência do Hospital de Santa Maria.

Introdução: As infeções associadas aos cuidados de saúde (IACS), assumem uma dimensão preocupante com repercussões a vários níveis.

A prevenção e controlo de infeção revelam-se componentes estruturantes da qualidade, determinantes no contexto de segurança do doente, contudo, é reconhecido que as crenças, competências e dinâmicas de trabalho dos profissionais de saúde, nomeadamente, os enfermeiros, influenciam a adesão às práticas recomendadas. As IACS são o maior efeito adverso decorrente da prestação de cuidados de saúde e podem ser consideradas incidentes de segurança, pois são eventos que podem resultar ou resultam em dano desnecessário para o doente diminuindo a qualidade dos cuidados.

Objetivo: Clarificar a importância da Prevenção e Controlo de Infeção na Prática de Enfermagem.

Materiais e Métodos: Revisão sistemática da literatura. Descritores “Hospital Infection”, “Prevention and Control” and “Nursing”, utilizando o método PICO; Seleccionadas 10 bases de dados eletrónicas, entre 2004-2016, incluídos para análise 10 artigos.



Resultados:

- Em ambiente hospitalar, a infeção pode ser realizada por contacto, essencialmente através dos doentes, visitas e profissionais de saúde, como também pelo ambiente inanimado que foi contaminado e ainda pela própria flora endógena dos doentes.
- Vários são os fatores que, relacionados com o hospedeiro (idade, patologia de base, medicação, anestesia, presença de cateteres), com o microrganismo (patogenicidade, virulência), com a dose infecciosa, com os mecanismos de produção da doença e com a via de exposição, influenciam tanto a ocorrência, como a gravidade da infeção e o próprio desfecho da situação.
- A sobrelotação das unidades hospitalares é um fator que contribui exponencialmente para o desenvolvimento de IACS.
- Grande parte das IACS deve-se a más práticas clínicas.
- A lavagem das mãos, destaca-se como a medida mais importante de prevenção das IACS, no entanto, muitas vezes, esta não é cumprida ou quando é, não é realizada corretamente.
- É importante que toda a equipa multidisciplinar participe nos programas de prevenção da infeção, com o objetivo de atualizar conhecimentos, modificar práticas e atitudes e garantir que os programas educativos sejam consistentes com as funções e responsabilidades de cada grupo de profissionais e técnicos que fazem parte da equipa de saúde.
- O controlo das IACS é inerente ao processo de cuidar, estando o enfermeiro capacitado para prestar cuidados mais seguros.
- O controlo das IACS é da responsabilidade de uma equipa multidisciplinar, capaz de identificar áreas de risco, criar políticas de controlo, educar e/ou aconselhar. Para isto, é fundamental que exista um treino adequado, standardização das práticas adotadas, decisões baseadas em custo-benefício, gestão de projetos em contínua renovação e autonomia operacional.



Conclusões: O impacto das IACS verifica-se a vários níveis, agravando a incapacidade funcional, o sofrimento, o stress emocional do doente, a qualidade de vida, sendo mesmo uma das principais causas de morte. Muitos são os fatores que influenciam a adesão aos procedimentos a implementar. A grande maioria dos profissionais assume uma atitude positiva face às orientações para uma determinada intervenção. A forma como cada um percebe as orientações fornecidas deve ser analisada, o que justifica a realização de auditorias de cuidados, no sentido de aumentar a qualidade dos cuidados prestados.

Nem todas as infeções são evitáveis, no entanto, algumas podem ser prevenidas se se conseguir envolver os profissionais de saúde na adoção de boas práticas no contexto da prevenção e controlo da infeção e nessa perspetiva o enfermeiro assume uma responsabilidade particular no ensino e sensibilização dos seus pares.

Bibliografia:

- Azambuja, E. et al. (2004). Prevenção e Controlo da Infeção Hospitalar: As Interfaces com o Processo de Formação do Trabalhador. Texto & Contexto Enfermagem. 13(nº esp.), 79-86.
- Cole, M. (2011). Patient Safety and Healthcare-Associated Infection. British Journal of Nursing. 20 (17), 1122-1126.
- Direção Geral de Saúde (2007). PPCIRA – PNCI. Recuperado em 15 março de 2016, de www.dgs.pt.
- Gordts, B. (2005). Models for the Organisation of Hospital Infection Control and Prevention Programmes. Clinical Microbiology and Infection. 11(Supl.1),19-23.
- Lima, M. et al. (2004). O Cuidar de Enfermagem em Situação Adversa. Revista Brasileira Enfermagem. 57(3), 288-291.
- Moura, M. et al. (2008). Infeção Hospitalar no Olhar de Enfermeiros Portugueses: Representações Sociais. Texto e Contexto Enfermagem. 17(4).
- Pereira, M. (2005). A Infeção Hospitalar e suas implicações para o Cuidar da Enfermagem. Texto Contexto Enfermagem. 14(2), 250-257.
- Reyes, C. et al. (2008). Adherencia del Personal de Enfermería a las Medidas de Prevención y Control de Infecciones Intrahospitalarias en tres Unidades de Cuidados Intensivos. Investigaciones Andina, 24(14), 372-384.
- Rivera, R. et al. (2005). Eficacia de un Programa de Capacitación en Medidas Básicas de Prevención de Infecciones Intrahospitalarias. Revista Peruana de Medicina Experimental y Salud Pública. 22(2), 88-95.
- Santos, A. et al. (2008). As Representações Sociais da Infeção Hospitalar Elaboradas por Profissionais de Enfermagem. Revista Brasileira de Enfermagem. 61(4), 441-446.
- Santos, C. et al. (2007). A estratégia pica para a construção da pergunta de pesquisa e busca de evidências. Revista Latino-Americana Enfermagem. 15, 508-511.
- Silva, E. et al. (2013). Um Desafio para o Controlador de Infeção: Falta de Adesão da Enfermagem às Medidas de Prevenção e Controlo. Enfermería Global. 12(31), 316-356.
- Vilari, D. et al. (2009). Validação de Conteúdo de Indicadores de Qualidade para Avaliação do Cuidado de Enfermagem. Revista da Escola de Enfermagem da USP. 43(2), 429-437.
- Ward, D. et al. (2012). Attitudes Towards the Infection Prevention and Control Nurse: an Interview Study. Journal of Nursing Management. 20(5), 648-668.

